
INDISPENSÁVEIS E ENGANOSAS, AS IMAGENS, TESTEMUNHAS DA HISTÓRIA

Pierre Sorlin

Apresentação

Apesar de o cinema estar comemorando um centenário de existência e do fato de o primeiro estudo sério sobre essa arte – uma publicação de um autor polonês intitulada exatamente *Uma nova fonte de história* – ter quase a mesma idade, o dado concreto é que, independentemente dessa longevidade, as imagens em movimento – primeiro o cinema e mais recentemente as imagens eletrônicas, televisão e vídeo – só entraram definitivamente para o universo dos historiadores a partir da década de 1970.

Em uma inserção que devia muito aos domínios óbvios da chamada “nova história”, conforme detonada pela já mítica escola dos *Annales* a partir das mudanças operadas nos anos 50, esses novos campos de atuação do historiador só foram definidos e ampliados com as intervenções de pesquisadores e historiadores do porte de um Braudel ou Jacques Le Goff, ou ainda, e principalmente, de um Marc Ferro. Foi aí que, radicalmente, houve um investimento teórico na rediscussão crítica da noção de fato histórico proposta pela revista. Essa noção passou a ser um verdadeiro divisor de águas. O conceito foi ampliado para incluir, fundamentalmente, o princípio de que o fato histórico só existe enquanto instância de intervenção do historiador, que o constrói cientificamente (e não de forma arbitrária) de maneira a possibilitar, através de seu trabalho de análise, a reconstituição e a explicação do passado.

Com essa certeza e a formulação de outras questões-limite, colocou-se em cheque a própria noção de passado, agora apresentada como produto de aborda-

gens as mais diversas que tentam dar conta de um objetivo comum aos historiadores, que é a busca de uma totalidade histórica. Aqui faz sentido, e me parece não poder ser de outra maneira, a aproximação da história com outros campos do conhecimento humano, como a filosofia, a antropologia, a psicanálise, a arte e, aqui incluído, o cinema. Tal aspiração a uma interdisciplinaridade faz, naturalmente, com que o historiador parta para a busca de fontes bastante diferentes daquelas tradicionalmente privilegiadas até então. Lançam-se as perguntas: o que significam o cinema, o vídeo, as novas imagens em movimento (ou não!) produzidas por tecnologia de ponta, quais são seus papéis e funções no entendimento e na construção da história? Como resiste o estatuto de veracidade ainda comumente atribuído às imagens analógicas de caráter documental? Como teorizar, neste final de século pós-moderno e pós-industrial, a ideologia do visível enquanto tensão entre verdades e mentiras? Qual é, em última instância, o futuro dessas relações entre imagem e história?

O professor Pierre Sorlin é um destes poucos (ainda, infelizmente!) investigadores para quem as imagens – e em nosso caso particular, as imagens em movimento, independentemente do suporte e do caráter mais imediato de comunicação, arte, indústria cultural – contribuem não só para a compreensão como para a construção da própria história. Desde 1977, com o hoje já clássico *Sociologia do cinema*, o professor Sorlin tem evitado o mecanicismo confortável da teoria dos reflexos que só enxerga a produção artística como resultante de operações inevitáveis entre superestrutura/infra-estrutura. Ao desentronizar o cinema de sua aura artística, ele, por outro lado, o valoriza num outro sentido, colocando-o numa posição sempre flutuante de sismógrafo, sensor especialmente hábil para captar e compreender melhor as oscilações da sociedade e da história. Desenvolvendo métodos próprios de análise, o professor Sorlin em trabalho de grupo junto a outros pesquisadores (como Michèle Lagny e Marie-Claire Ropars Wuilleumier) conseguiu, com elegância, associar leituras temáticas com abordagem estrutural no livro *Générique des années 30*, de 1986. Esse texto, centrado em configurações estruturais, introduziu um deslocamento da pesquisa cinematográfica, de problemas exclusivamente estéticos ou de linguagem, ou apenas dos aspectos teóricos da representação, em direção a questões de natureza mais sociológica ou ideológica ligadas à representação, ao mesmo tempo em que, de forma notável, desenvolvia o interesse pelos códigos narrativos, pelas implicações seqüenciais, a focalização, as marcas formais da enunciação, as funções dos protagonistas, a temporalidade.

Além de professor de sociologia dos meios audiovisuais na Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, Pierre Sorlin integra o comitê de redação da revista *Hors Cadre* e o conselho editorial da publicação *Historical Journal of Film, Radio and Television*. Com trabalho prático em cinema e vídeo, já dirigiu alguns documentários e filmes históricos, incluindo um trabalho sobre a Revolução Francesa por ocasião da comemoração do seu bicentenário. Mais recentemente, Pierre Sorlin tem diversificado seus interesses e publicado a respeito do cinema europeu (*European cinemas, European societies: 1939-1990*) e dos efeitos da televisão e das imagens eletrônicas em nossa percepção (*Esthétique de l'audiovisuel* e *Mass media and society*, onde investiga todas as mídias, independentemente de seu suporte). Sempre em sua agenda, entretanto, localiza-se a preocupação maior com a utilização e os efeitos das imagens em movimento

como documentos vitais para o trabalho do historiador e demais cientistas sociais, como atestam suas atividades à frente da Cinemathèque Universitaire de Paris ou do Instituto Histórico de Bolonha ou, ainda, na organização dos arquivos audiovisuais da futura Biblioteca Nacional Francesa.

Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1993

João Luiz Vieira

Professor do Departamento de Cinema e Vídeo da UFF
